



[Preliminares](#)

[Instinto Animal...](#)

[Vidas ainda secas...](#)

[A distância entre o Governo e o sertanejo](#)

[O descaso continua](#)

[Amanhã](#)

[Créditos](#)

[Clique sobre o ítem desejado](#)

Preliminares

Em “Vidas Secas”, considerado pela maioria dos críticos literários como a principal obra de Graciliano Ramos, é praticamente impossível não se emocionar com o sofrimento de uma família de retirantes que tenta sobreviver à seca. O grupo, que quase não se comunica e mais se parece com bichos, é liderado por Fabiano que, para manter a família viva, humilha-se diante do soldado amarelo e do proprietário das terras onde trabalha como vaqueiro. Além dele, o sofrido grupo é composto por: Sinha Vitória, a esposa, cujo único desejo era possuir “*uma cama real, de couro e sucupira*”; os meninos, o mais velho e o mais novo, que, por não terem nome próprio, representam a condição de anonimato em que vivem os sertanejos; a cachorra Baleia que é humanizada e faz contraponto à animalização da família que ela acompanha; e o papagaio que só sabia latir e foi sacrificado para que o grupo não morresse de fome. Pode-se dizer que o romance é marcado pela idéia da fuga constante, o caminhar sem fim. “...*A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como um judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca.*” .

Um dos aspectos que mais impressionam na obra é o seu tema sempre atual. O romance, escrito entre 1937 e 1938, enfoca o problema da seca e as condições de vida miseráveis do sertanejo brasileiro. Condições essas que praticamente não se alteraram. Sua relação com os dias atuais será discutida a seguir sob a ótica da animalização do homem e o descaso do governo com o problema da seca no Nordeste do País.

Instinto Animal...

No romance “Vidas Secas” o sertanejo é reduzido a condição de animal. Isso é percebido pela ausência de fala entre Fabiano e seus familiares. Eles quase não conversavam e a pouca comunicação existente era feita por meio de gestos e sons guturais: *“Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto”*. Outro exemplo que comprova o pouco uso das palavras entre a família é o fato de o papagaio imitar os latidos da cachorra Baleia. Os papagaios, como se sabe, têm a capacidade de repetir sons e palavras que são repetidos constantemente e, como a família falava pouco, os latidos de Baleia eram o único som que a ave ouvia com frequência. Por isso, ele aprendeu a latir. *“Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.”*

A animalização das pessoas também pode ser percebida nas atitudes praticadas pelos personagens. No trecho que segue, Sinha Vitória, obedecendo o seu instinto de sobrevivência lambe o sangue do preá que estava acumulado no focinho da cachorra Baleia. Assim, homem e animal são colocados em um mesmo nível. *“Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.”* Como Sinha Vitória, Fabiano também é comparado a um animal. Isso pode ser visto em várias passagens da obra. Primeiro ele mesmo diz que é um bicho *“- Você é bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades”*. Depois ele é comparado a um macaco *“O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco”*. Logo na seqüência Fabiano funde-se a um cavalo deixando muito claro a questão da animalização do homem. *“Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia...”*. Repare que nesse trecho os pés de Fabiano são descritos de forma semelhante aos cascos de um cavalo. Logo depois, o vaqueiro compara a sua condição de vida a de um cachorro. *“Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos”*.

Em contraponto a tudo isso temos a alegre cachorra Baleia que é humanizada e, de uma certa forma, é tratada como um membro da família, uma irmã para os meninos. “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam...”. Outro aspecto que caracteriza essa humanização é o fato de Baleia possuir fluxo de consciência. Isso fica claro no trecho abaixo quando ela fica resignada e mostra que possui opinião. “Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. A opinião dos meninos assemelhava-se à dela”.

Quando Fabiano é forçado a atirar em Baleia porque ela estava com hidrofobia o processo de humanização se completa. (Aqui vale ressaltar que é costume do sertanejo colocar nome de peixes em seus animais domésticos, pois acredita-se que com essa prática é possível livrá-los da hidrofobia. No caso de baleia, nem mesmo essa tradição salvou a cachorra) *“Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo.”* Nessa passagem Baleia anda dois pés com gente. Mas o clímax é atingido quando ela, como as pessoas, imagina a existência de um mundo pós vida. *“Baleia queria dormir. Acordaria feliz num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.”*

Percebe-se nesse trecho que Baleia, como a maioria dos homens, acredita na existência de um ser superior como um Deus. O deus para Baleia é um “*Fabiano enorme*”.

Vidas ainda secas...

Percebemos que as condições atuais de vida do sertanejo não são muito diferentes das apresentadas por Graciliano Ramos em “Vidas Secas”. Hoje, mais de 60 anos após à publicação do livro, ainda encontramos exemplos como o do agricultor Severino José dos Santos, morador de Tabira no sertão de Pernambuco, que teve sua pequena horta de milho e feijão destruída. A família, para não morrer de fome, foi obrigada a comer a palma, um cacto repleto de espinhos. Sua mulher, Maria do Carmo dá a receita de como preparar essa iguaria: **“Raspei os espinhos, passei em 6 águas para tirar a baba verde da planta e cozinhei com sal. Todo mundo fez cara feia, mas, pelo menos, ficou de barriga cheia”**. A palma, quando ingerida, incha no estômago, faz peso. Os cinco filhos do casal agüentam o gosto ruim, mas Severino não consegue engolir. As vezes o cardápio é reforçado com uma sopa rala feita com ossos de boi, que Severino ganha dos comerciantes. As vezes a situação fica pior ainda e **“Quando falta comida mesmo, a gente põe os meninos para correr atrás dos calangos. Mas é difícil, Eles têm de ficar o dia inteiro correndo porque esses bichos correm demais”**, conta a mulher. A família está sem dinheiro. Não consegue pagar a conta de luz que custa R\$ 1,34.

Observando essa situação vemos que, como em “Vidas Secas”, o homem está reduzido a condição de um animal. Devido ao flagelo da seca ele é obrigado a matar sua fome comendo: **palmas** (planta que em época de fartura é usada para alimentar o gado); macambira, (planta da família das bromeliáceas de folhas rígidas e espinhosas, muito dispersa nas regiões secas nordestinas, onde o povo, premido pela fome resultante da seca, prepara com as folhas dela uma espécie de pão, sem qualquer valor nutritivo) e, sopa de ossos de bois, que geralmente são dados aos cães. Por fim, vemos crianças desnutridas correndo, feito animais, atrás de calangos, espécies de lagartos. Devido a isso, podemos concluir que às vésperas da virada do milênio a refeição para muitos sertanejos é um momento de sacrifício e que eles mantêm-se vivos graças ao seu instinto animal. **“um bicho, capaz de vencer dificuldades”**. Infelizmente, chega-se a conclusão que o poema “Bicho” de Manuel Bandeira continua refletindo a realidade de milhares de brasileiros.

O Bicho

“Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.”

Manuel Bandeira

A distância entre o Governo e o sertanejo

Em “Vidas Secas” pode ser percebido que existe uma distância muito grande entre o sertanejo, no caso Fabiano, e as pequenas instituições sociais que representam o governo. Um bom exemplo disso é o dia em que Fabiano, para suprir suas necessidades, vai à cidade tentar vender um porco. Nesse momento surge um fiscal da prefeitura para cobrar-lhe o imposto sobre a mercadoria, como Fabiano desconhecia o que era imposto ficou indignado: “Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fora vendê-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingia-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. *“Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto.”*”

Essa distância é acentuada e transforma-se em total falta de comunicação quando Fabiano é preso, ao nosso ver injustamente. Ele não consegue defender-se, por meio de palavras, das acusações que o soldado amarelo faz e acaba passando a noite na cadeia. Aqui vale ressaltar que a cor amarela além de simbolizar o desespero, ódio e raiva representa o poder militar. *“...Era um bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?...”*

A questão do distanciamento existente entre o sertanejo e governo atinge seu clímax no capítulo **“O mundo coberto de penas”**: *“- Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele”*. Aqui fica explícito que o soldado amarelo representa algo maior, ou seja, o governo. Matar o soldado amarelo não acabaria com as suas infelicidades. Como ele, aquele homem que trajava farda amarela era um pobre coitado.

O descaso continua

O descaso do governo com a seca no Nordeste é um problema secular. Em 1724 o capitão mor da província da Paraíba, João de Abreu Castelo Branco, escreveu ao rei de Portugal, D. João V, pedindo ajuda para enfrentar a seca. O monarca respondeu que a ajuda seria inútil. Pois a causa da miséria desses povos é sua ociosidade ou a preguiça. Em 1877, D. Pedro II se comoveu com a morte de cerca de 60.000 pessoas devido a uma das piores estiagens dos últimos tempos. D. Pedro, em prantos, jurou vender até a última jóia da coroa para resolver o problema. Contudo, a única coisa que foi feita foi a construção de um açude.

Em 1970 o presidente Medice fez uma visita de três dias ao Nordeste brasileiro. Ao retornar prometeu um pacote de medidas para solucionar o problema da seca, mas, segundo especialistas, o que reduziu pela metade o número de pessoas atingidas foi a migração em massa para as grandes metrópoles. A migração ocorrida na década de 70 ainda continua ocorrendo como é o caso da família de alagoanos que andou 25 dias de Maceió para São Paulo para fugir da seca. Everaldo João dos Santos, ao lado de sua mulher Conceição e da filha Joana D'arc se sujeitaram à humilhação de procurar comida no lixo para não morrer de fome. *“A gente plantava alface, batata e cebola em uma terra arrendada próxima a Maceió. Durante três meses, a seca acabou com o nosso trabalho. Ficávamos apanhando comida no lixo”.*

Hoje Fernando Henrique Cardoso diz a solução para o problema da seca não depende apenas do governo, mas de *“Deus, do tempo e da chuva”*. Ele ainda diz que a *“Solidariedade cria problemas”* porque é caro transportar os alimentos para as regiões afetadas.

Devido a isso chega-se a conclusão que a distância entre o sertanejo e o governo não existe apenas no romance *“Vidas Secas”*. Ela existe também no drama da vida real. O soldado amarelo de Graciliano Ramos também é real. Ele foi D. João V, Pedro II, Emílio Medice e agora ele é Fernando Henrique Cardoso.

Basta apenas uma pequena reflexão a respeito da seca que assola o Nordeste brasileiro para se



perceber que ela, “a seca”, não é tão ruim quanto se imagina. Porque se fosse, alguma providência, como por exemplo o desvio de água do rio São Francisco para as regiões afetadas, já teria sido tomada. Pode-se concluir com isso, e agora parafraseando Arnaldo Jabor, que a seca não é ruim, ou melhor, a seca é boa para várias camadas sociais do país.

A seca é boa para o Governo Federal que a usa com fins políticos. Um bom exemplo disso, foi a repentina liberação da verba destinada a combater os efeitos do El Niño, como a seca, a deputados que, por coincidência, votariam a reforma da Previdência. A seca é muito boa para a oposição porque é sempre um bom motivo para criticar o governo atual. Em ano de eleição, é comum que se veja candidatos criticando vorazmente os líderes governistas e prometendo que se forem eleitos tudo mudará para melhor.

A seca também é boa para a igreja. O problema da seca é usado por líderes religiosos (quando digo religiosos estou me referindo a líderes de todas as igrejas) para sensibilizar os fiéis induzindo-os a contribuir “de alguma forma” para amenizar o sofrimento dos menos favorecidos. A seca é boa

para a classe média. O ato de contribuir com campanhas de cunho solidário, além de aliviar a consciência, mostra que essa classe está preocupada com os problemas que ocorrem no país.

A seca só não é boa para o retirante que é obrigado a fugir para as grandes cidades onde se sujeita a várias humilhações, como apanhar comida no lixo para não morrer de fome. Mas também pudera... se nem mesmo Jesus Cristo conseguiu agradar a todos, porque é que teria que ser ela, "a seca", a fazer isso.

Amanhã

Graciliano Ramos encerra o romance “Vidas Secas” com Fabiano e sua família dirigindo-se rumo ao sul e sonhando com a perspectiva de encontrar um lugar onde o “amanhã” possa ser melhor. Lá os meninos iriam para a escola aprender coisas difíceis e necessárias e Fabiano e sinha Vitória ficariam velhinhos e se acabariam como Baleia. O autor deixa também um alerta a respeito das conseqüências da seca no Nordeste: *“E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos”*.

Hoje sabemos que se houver seriedade política o nordestino não precisará mais abandonar a sua terra natal para escapar do flagelo da fome. Vários estudos mostram que o Nordeste é viável, basta investir-se em obras até certo ponto simples, como a exploração dos vários lençóis de água subterrâneos.

Para que o amanhã seja diferente é necessário empenho e seriedade no tratamento do problema da seca. E isso, tem que ser feito agora. Porque apesar do sertanejo ser, como já tinha afirmado Euclides da Cunha, **“antes de tudo um forte”** e **“antes de tudo um paciente”** como disse Clarice Lispector, todos sabemos que força e paciência têm limites.

“Análise da animalização do homem e do descaso do Governo com o problema da seca no Nordeste brasileiro em comparação com a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.”

Atenção: Essa análise foi elaborada em 1998 pelos professores:
Antônio Carlos Pinho, Adilson Oliveira e Genival Meira Benevides,

Esse material é parte integrante do site www.mundocultural.com.br e pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para fazam@mundocultural.com.br